



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de atos: Programa Luz para Todos, Recuperação da BR-429 e convênios com MDA

Nova União-RO, 11 de agosto de 2004

Meus companheiros,
Minhas companheiras,
Trabalhadores e trabalhadoras do nosso querido Brasil,
Meu caro governador Ivo Cassol,
Meu caro ministro da Previdência Social, Amir Lando,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,
Meu companheiro Miguel Rosseto, ministro do Desenvolvimento Agrário,
Minha companheira senadora Fátima Cleide,
Senador Valdir Raupp,
Deputada Marinha Raupp,
Deputado Miguel de Souza,
Deputado Agnaldo Muniz,
Deputado Nilton Capixaba,
Deputado Eduardo Valverde,
Deputado Anselmo,
Deputado Confúncio Moura,
Deputado Hamilton Casara,
Senhor Cleiton Campanhola, presidente da Embrapa, grande parceiro dos assentamentos deste país e aqui, de Rondônia,
Meu querido companheiro Rolf, presidente do Inbra,
Minha senhora Carmelina Rigo, prefeita de Nova União,



Primeiro, quero dizer a vocês da alegria, do carinho de poder estar num assentamento, visitando algumas famílias e podendo ter contato com meus companheiros de luta nesses últimos 20 anos do nosso país.

Em segundo lugar, dizer para vocês que vocês ouviram, aqui, a ministra Dilma, e ouviram o ministro Miguel Rosseto, que não só falaram, mas assinaram o contrato de uma coisa que nós queremos tornar realidade neste país. Somente quem não tem luz elétrica em casa, quem vive à base da luz de um candeeiro, é que tem noção da importância do Programa Luz para Todos que nós queremos fazer acontecer até fazer chegar a luz elétrica à casa de cada um dos 180 milhões de brasileiros, que é um bem que pode contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento da agricultura e, sobretudo, da agricultura familiar.

Mas não é apenas isso. Nós estamos convencidos, Dilma; Miguel Rosseto; o ministro Humberto Costa, da Saúde; a ministra Matilde, da Igualdade Racial. Nós estamos convencidos de que é possível, a partir de agora, desencadear um movimento no Brasil, onde a gente possa ter uma espécie de “pacote da cidadania” para as terras indígenas brasileiras, para os quilombos do Brasil e para os assentamentos deste país. Um pacote de cidadania que leve, entre outras coisas, luz para todos, de verdade; que leve assistência técnica para todos, que leve educação, que leve saúde e, no nosso caso, até dentista nós vamos fazer chegar nas regiões mais pobres do nosso país, para que jovens de 16 ou 18 anos não tenham vergonha de rir, neste país.

Vocês sabem que o que nós estamos fazendo já dá alguns sinais. Todos nós sabemos o que é um assentamento bom. Um assentamento bom, começa pela terra de qualidade; se não for de qualidade, tem que ter o manejo, para que ela possa se transformar numa terra de qualidade.

A segunda coisa é que nós sabemos que precisa ter assistência técnica. E a Embrapa deu uma demonstração, aqui com vocês, de como é possível



essa assistência técnica. A experiência da pupunha, a experiência da cana, que eu esqueci o nome, “mulata pelada”, que é uma cana produzida aqui, desenvolvida pela Embrapa, que não é igual àquela que produz álcool, lá em São Paulo ou no Nordeste. É uma cana que dá uma garapa de belíssima qualidade, porque eu acabei de tomar um copo na casa de um companheiro. E eu acho que, se ela dá uma garapa boa, certamente dará uma cachaça boa também, para que a gente possa enfrentar o frio. E, certamente, a rapadura dessa cana “mulata pelada”, que vocês inventaram aqui na região, será ainda de melhor qualidade.

Mas nós sabemos também que além da terra, da assistência técnica, nós precisamos de infra-estrutura. É preciso que as estradas estejam em boas condições, de preferência asfaltadas, para que os produtores possam escoar a produção que eles conseguem produzir durante o ano inteiro.

Mas ainda, nós sabemos que eles precisam de outra coisa, e este ano nós damos o exemplo. Já tínhamos dado o exemplo, no ano passado, na região do Semi-Árido brasileiro. Aqui nós compramos, através da Conab, praticamente 11 mil toneladas de feijão. Nós oferecemos a 60 reais a saca. Vocês sabem que se não fosse a Conab oferecer 60 reais, o mercado estaria oferecendo para vocês 25 ou 30 reais, metade do preço que vocês venderam. Por conta do preço da Conab, até o mercado, aqui na região, já está oferecendo 48 reais. Só para vocês terem idéia do que é a gente garantir o preço, no ano passado, na região mais pobre deste país, que é o Semi-Árido nordestino, nós oferecemos um preço ao pequeno produtor, e o mercado, com medo que o governo comprasse toda a produção, aumentou o preço e o governo não precisou comprar porque pagou o preço justo ao pequeno produtor. É isso que a Conab tem que fazer. E vocês sabem que a Conab estava abandonada. Muitos trabalhadores foram mandados embora. E nós, agora, vamos ter que readmitir um bocado deles para que a Conab possa cumprir o papel para o qual ela foi criada no nosso país.



Da mesma forma que estamos comprando leite, em várias regiões do país, para garantir ao cidadão que tem meia dúzia de cabras que ele possa vender o leite a um preço justo, para garantir ao cidadão que tem 10 ou 12 vaquinhas, que ele possa vender a um preço justo. E graças ao FAT nós já compramos, até agora, um milhão e 200 mil litros de leite, e a gente está garantindo, em algumas regiões do país, sobretudo nas regiões mais pobres, que o pequeno produtor consiga sobreviver com dignidade e decência.

Mas ainda, aqui, quem ainda não foi no Banco pegar dinheiro, comece a se preparar, porque antigamente anunciava-se um plano de dinheiro para o Pronaf e o trabalhador, o representante da agricultura familiar ia no Banco do Brasil e não conseguia pegar o empréstimo. No nosso primeiro ano, nós emprestamos 83% a mais de dinheiro do que no melhor ano do governo passado. Este ano, nós colocamos sete bilhões de reais à disposição da agricultura familiar.

E quero dizer para vocês, na frente dessas crianças e na frente dos seus pais, que nós colocamos sete bilhões, mas se aparecer gente para pegar oito bilhões, terá oito bilhões para emprestar à agricultura familiar. Mas a coisa mais importante que nós fizemos, dentro do Pronaf, foi criar o crédito para a mulher. Se o marido tiver 30 hectares de terra e ele quiser plantar alguma coisa em 20 hectares, ele faz o seu projeto, vai no Banco do Brasil e faz um empréstimo para a sua plantação. Se a mulher, sem precisar depender de nenhum favor dele, quiser plantar os outros 10 hectares com outra coisa, ela faz um outro projeto, vai no Banco do Brasil e pega um empréstimo.

E mais ainda, se essa família, além do marido e da mulher, tiver um filho de 18 anos ou mais, que trabalhe com eles e queira fazer um outro projeto, ele também pode fazer um outro projeto e pegar o dinheiro, independentemente do dinheiro que o pai pegou, independentemente do dinheiro que a mãe pegou. Ele pode fazer a sua própria lavoura e desenvolver a sua própria produção.

Mais importante ainda, meus companheiros e companheiras, é que



vocês sabem que entre chegar nesta terra, aqui, e começar a produzir, levou um tempo. Entre chegar aqui e ter assistência técnica, levou um tempo. Muitos pensaram em desistir, mas não desistiram. E sabem por que nós não desistimos nunca? Porque somos brasileiros e não desistimos nunca, lutamos até as últimas conseqüências para que a gente possa adquirir as condições de cuidar bem da nossa família, de cuidar bem dos nossos filhos e fazer esse país se desenvolver.

Antes de eu chegar aqui, companheiros e companheiras, eu quero até pedir desculpas porque cheguei atrasado, mas é porque eu estava numa outra missão nobre: nós fomos a Brasiléia, no estado do Acre, divisa com a Bolívia. Em 500 anos de História do Brasil, nós fomos inaugurar a primeira ponte entre o Brasil e a Bolívia, entre Brasiléia e Cobija. Saímos de Brasiléia e fomos lá, na divisa Brasil e Peru, inaugurar – não inaugurar a ponte – inaugurar o começo da obra da primeira ponte entre o Brasil e Peru, em 500 anos de história dos nossos dois países. E por que estamos fazendo isso? Porque nós acreditamos na integração da América do Sul. Durante séculos, durante décadas, as autoridades brasileiras ficaram com os olhos voltados para a Europa e para os Estados Unidos e ficaram de costas para a América Latina. Deus já tinha demonstrado para nós ser importante a gente olhar para a América do Sul, porque se ele, na sua sabedoria, fez o Brasil e a América do Sul como um único continente, foi para que a gente tivesse juízo e cumprisse com a outra parte, que a gente fizesse a ponte, as estradas, as ferrovias e as hidrovias para que haja uma integração prática e não uma integração teórica, apenas em discursos em época de campanha eleitoral.

É por isso que nós recuperamos o Mercosul. É por isso que nós queremos juntar toda a América do Sul e a América Latina. Porque eu aprendi, na porta de fábrica: um trabalhador sozinho, é que nem um graveto, é fácil de quebrar; mas um monte de trabalhadores juntos vira um feixe de varas, é difícil quebrar. Um país sozinho, para brigar na Organização Mundial do Comércio,



por exemplo, não tem nenhuma chance. Mas, quando a gente se junta e cria o G-20, como nós criamos em Cancún, a gente vai para a Organização Mundial do Comércio, e acabamos de ganhar uma briga com os Estados Unidos contra o subsídio do algodão dos americanos, para que eles possam comprar algodão de países africanos e de países da América do Sul.

E, na semana passada, uma outra extraordinária vitória do Brasil: nós conseguimos acabar ou pelo menos começar a acabar com o subsídio do açúcar europeu, para que eles possam comprar o açúcar produzido pelo Brasil e por outros países africanos e da América do Sul.

Então, nós estamos juntando todos esses países, para que a gente possa ter mais força e para que a gente possa estabelecer uma ordem econômica mundial justa e solidária.

E eu quero terminar dizendo para vocês, companheiros, vocês podem ter certeza, eu tenho pedido ao Miguel Rosseto: eu quero visitar um acampamento bem-sucedido, mas quero visitar, também, um assentamento que não deu certo. Porque tem muita gente que já está na terra há cinco, há seis, há até 10 anos e ainda não deu certo. E não deu certo, não porque os trabalhadores não sabem trabalhar, mas porque nós precisamos ajudar esses trabalhadores a terem assistência técnica, a terem financiamento, para que possam produzir.

E eu quero, daqui para a frente, visitar muitos acampamentos bons e muitos assentamentos ruins, para que a gente possa ir ajudando, levando saúde, levando educação, levando assistência técnica, vendo porque a pessoa não tem crédito no Banco do Brasil, porque não consegue dinheiro, para que a gente vá arrumando a casa e para que a gente possa fazer jus àquilo em que tanto nós acreditamos: que a reforma agrária não é denominação de guerra, a reforma agrária é apenas a gente levantar a voz e dizer: nós queremos paz; paz significa justiça social, e justiça social significa a reforma agrária e significa outros benefícios para a classe trabalhadora deste nosso país.



Portanto, meus companheiros, eu quero dizer para vocês que saio daqui feliz. Feliz por ter encontrado companheiros de 20 anos; feliz por ter encontrado companheiros de 15 anos; feliz por ter encontrado crianças. Vocês vejam uma coisa, o que significa a reforma agrária: a gente vai em um comício em São Paulo, vai em um comício no Rio de Janeiro, a gente não vê mais crianças, porque as mães não têm coragem de levar, por causa da violência. A gente vem aqui, quando o assentamento está funcionando bem, e a gente encontra as crianças sentadas, limpinhas, sorrindo, sem que a mãe tenha nenhuma preocupação.

Ontem – eu não sei se vocês acompanharam – eu fiquei emocionado porque nós conseguimos colocar 30 mil jovens da periferia deste país para servir o nosso Exército. Há 16 anos que o Exército brasileiro não recrutava mais que 65 mil jovens. Agora, recrutou 100 mil, dos quais 30 mil vão aprender uma profissão, além de aprender cidadania, além de aprender uma série de coisas que nós precisamos aprender.

Porque um dos graves problemas do Brasil é que há uma desagregação da estrutura da sociedade, a partir da família. Quando o pai e a mãe não se entendem, dificilmente terá tranquilidade na família. O pai e a mãe ainda significam o maior elo de integração da estrutura social brasileira. E nós vamos trabalhar para que todo mundo tenha o direito de ter uma família feliz, vivendo em harmonia, vivendo em paz; que todos possam trabalhar, no campo ou na cidade, mas que a criança, sobretudo, tenha o direito de brincar e tenha o direito de estudar.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, eu quero terminar dizendo a vocês: que Deus abençoe a cada um de vocês. Lembrem-se: ainda faltam dois anos e quatro meses de governo para mim. E podem ficar certos, quem se lembrar de todas as palavras e de todos os compromissos que eu assumi, durante a minha vida, podem ficar certos que nós vamos cumprir um a um. Vamos cumprir, porque, quando terminar o meu mandato, a única



coisa que eu quero é ter conquistado o direito de andar de cabeça erguida no meio de vocês.

Obrigado, e até a vitória meus companheiros.